

EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA E DIVERSIDADE: UMA PROPOSTA ALTERNATIVA DE APLICATIVO PARA O ENSINO–APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Maria Alexandra Azevedo Paiva Santos (UNESA)

maleaps@gmail.com

Leandro Gomes Dias Bolivar (UFRJ e UNESA)

leandro.gomes.dias.bolivar@letras.ufrj.br

RESUMO

A educação linguística tem evoluído em decorrência das rupturas sociais que se instalaram nas sociedades da informação e do conhecimento, suscitando, dentre outras coisas, posturas condizentes com temas transversais e novas tecnologias. A partir desse entendimento, este trabalho objetiva analisar e interpretar as obras de autores contemporâneos que buscam expandir o campo epistemológico da Linguística Aplicada (LA) moderna (PENNYCOOK, 2010). A metodologia usada é a pesquisa bibliográfica sob o viés do método qualitativo-interpretativo (BORTONI-RICARDO, 2008). Entre uma série de concepções, buscou-se discutir o papel da educação linguística, as discursividades contemporâneas e o uso de novas tecnologias no ensino-aprendizagem de línguas. Utilizaram-se como aporte teórico-metodológico alguns conceitos, como: a linguagem, suas práticas sociais e culturais (MOITA LOPES, 2013; PENNYCOOK, 2010), o discurso de ódio e as subjetividades (BUTLER, 1997), bem como a semiótica social e a multimodalidade (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Embora esse projeto faça parte de um conjunto de investigações realizadas no escopo científico da LA contemporânea, o estudo busca ir além da discussão teórica e levar à experimentação empírica. Ao final, apresenta-se o desenvolvimento do protótipo de uma aplicação educacional para língua portuguesa e espanhola, denominado por nós, *Revisor Consciente*. O protótipo oferece, além da função ortográfica, opções mais assertivas para a linguagem, identificando palavras e expressões com conotações preconceituosas, explicando-as e sugerindo substituições. Com essa experiência prática, acredita-se que será possível abrir caminhos para outros experimentos que busquem usar novas tecnologias no estudo de línguas.

Palavras-chave:

Diversidade. Aplicativo educacional. Educação linguística.

RESUMEN

La educación lingüística ha evolucionado como consecuencia de las rupturas sociales que se han producido en las sociedades de la información y del conocimiento, planteando, entre otras cosas, actitudes acordes con las cuestiones transversales y las nuevas tecnologías. A partir de este entendimiento, este trabajo pretende analizar e interpretar las obras de autores contemporáneos que buscan ampliar el campo epistemológico de la Lingüística Aplicada (LA) moderna (PENNYCOOK, 2010). El método utilizado es la investigación bibliográfica bajo el método cualitativo-interpretativo (BORTONI-RICARDO, 2008). Entre una serie de elaboraciones, se busca debatir el papel de la enseñanza de idiomas, las discursividades contemporáneas y el uso de las

nuevas tecnologías en la enseñanza-aprendizaje de lenguas. Se emplearon como soporte teórico-metodológico algunos conceptos como: el lenguaje, sus prácticas sociales y culturales (MOITA LOPES, 2013; PENNYCOOK, 2010), el discurso de odio y las subjetividades (BUTLER, 1997), así como la semiótica social y la multimodalidad (KRESS, VAN LEEUWEN, 2006). Aunque este proyecto forma parte de un conjunto de investigaciones realizadas en el ámbito científico de la LA contemporánea, el estudio pretende ir más allá de la discusión teórica y conducir a la experimentación empírica. Al final, se presenta el desarrollo de un prototipo de aplicación educativa para el portugués y el español, denominado por nosotros *Revisor Consciente*. El prototipo ofrece, además de la función ortográfica, opciones más asertivas para el lenguaje, identificando palabras y expresiones con connotaciones prejuiciosas, explicándolas y sugiriendo sustituciones. Con esta experiencia práctica, se cree que será posible abrir caminos para otros experimentos que pretendan utilizar las nuevas tecnologías en los estudios lingüísticos.

Palabras clave:

Diversidad. Aplicación educativa. Educación lingüística.

1. Introdução

Parafraseando Cícero (2011), compreende-se que o importante não é a palavra pela própria palavra, mas sim a sua força expressiva. Corroborando tal visão, autores contemporâneos, como Pennycook (2010), apontam para a urgência de experiências de ensino-aprendizagem de línguas que realizem uma investigação prática e atual da linguagem. Assim, é preciso buscar entender “como usamos a linguagem do modo como usamos” (PENNYCOOK, 2010, p. 22).

Dado movimento ecoa a abordagem filosófica pós-estruturalista (DERRIDA, 1983), que discute a linguagem como uma construção social e subjetiva em eterno devir. Sob esse viés, a linguagem pode ser considerada um ato com consequências, “uma representação com efeitos” (BUTLER, 1997, p. 26, tradução nossa). Para tanto, a filósofa investiga o discurso de ódio como um tipo de linguagem que produz violência contra populações vulneráveis e que “se nega a capturar os fatos e as vidas as quais descreve” (BUTLER, 1997, p. 27 – tradução nossa).

Nesse sentido, está cada vez mais demandado que o ensino-aprendizagem de línguas leve em consideração o caráter sociopolítico do discurso. Isto é, uma educação lingüística que preze pela diversidade, dê voz aos grupos historicamente marginalizados e ao mesmo tempo, atue como formadora de aprendizes, que ao participarem de uma comunidade lingüística sejam “sujeitos da própria história” (FREIRE, 2005, p. 16).

Portanto, em meio a esse panorama, o presente estudo procura responder à seguinte questão: como a educação linguística, mediada pela tecnologia, pode contribuir na formação de aprendizes como cidadãos interculturais críticos, que saibam compreender os diferentes discursos e utilizá-los de maneira consciente?

O trabalho se insere no escopo da Linguística Aplicada (LA) moderna e está dividido em: pesquisa teórica e pesquisa empírica. Na abordagem teórica, a metodologia usada é a pesquisa bibliográfica sob o viés do método qualitativo-interpretativo (BORTONI-RICARDO, 2008). No estudo empírico, será descrita a proposta alternativa de um aplicativo de ensino-aprendizagem de línguas. A pesquisa se restringe em elaborar um protótipo, visto que o processo de desenvolvimento de aplicações educacionais abrange, além das concepções de ensino-aprendizagem, expertise técnica, o que abarca a colaboração de pesquisadores de outras áreas de conhecimentos.

2. A educação linguística contemporânea e suas discursividades

Quando falamos em discursividades contemporâneas na educação linguística, estendemos o tema também ao convívio em sociedade e nos referimos às ações e processos que precisam, paulatinamente, serem incorporados à cultura e aos valores dos indivíduos. Para isso, é necessário lidar com o assunto de maneira transversal, buscando compreender os conceitos que englobam o tema.

Nessa perspectiva, foi utilizado como aporte teórico-metodológico algumas noções como: a educação linguística e suas práticas sociais e culturais (Cf. MOITA LOPES, 2013; PENNYCOOK, 2010), o discurso de ódio e as subjetividades (Cf. BUTLER, 1997), bem como a semiótica social e a multimodalidade (Cf. KRESS; LEEUWEN, 2006).

2.1. A educação linguística e suas práticas sociais e culturais

Para apontar as vivências contemporâneas no ensinar e aprender línguas, torna-se fundamental discutir a “complexidade dos fatos envolvidos com a linguagem (...) em diferentes contextos e comunidades” (MOITA LOPES, 2006, p. 19). Igualmente, é defendida por este autor a necessidade de inovações científicas que abranjam “as interseções de classe social, gênero, sexualidade, etc.” (MOITA LOPES, 2013, p. 20).

Não obstante, a realidade moderna traz para este campo epistemológico as contribuições da presença massiva da tecnologia. Para tanto, Moita Lopes (2013) chama à reflexão que

[...] a sala de aula, os professores, os alunos, os materiais de ensino, como produtos e/ou produtores [da] modernidade [recente], precisam ser compreendidos como tais na pesquisa, ao preço de se situarem, na investigação, em práticas sociolinguísticas de um mundo que não existe mais. (MOITA LOPES, 2013, p. 19)

Nesse contexto, Pennycook (2010) advoga a favor da linguagem como parte da vida real, pois assim “nos permite explorar o significado de uma reorientação do nosso pensamento sobre o papel da linguagem no mundo”. Portanto, a contemporaneidade exige da educação linguística o “entendimento do ensino de línguas em diferentes contextos históricos e geográficos, a partir de concepções políticas e históricas de linguagem” (PENNYCOOK, 2010, p. 23).

Novamente com Pennycook (2006), as discussões da LA contemporânea possuem “a urgência e a realidade do embate político; por outro lado, a necessidade de questionar sempre nossas próprias pressuposições assim como as dos outros”. Essa visão é corroborada por Fiorin (1998), que defende:

Para os linguistas chegou a hora de fazer um cuidadoso balanço do que a linguística fez, deixou de fazer ou pode fazer, pois vive ela uma crise epistemológica. A tarefa é difícil, porque implica uma reflexão ampla sobre a linguagem, que leve em conta o fato de que ela é uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, os homens e os outros homens. (FIORIN, 1998, p. 6)

2.2. Discurso de ódio e as subjetividades

Ao observar filosofia da linguagem defendida por Rorty (1990), acredita-se que a construção linguística pode ser considerada como o espaço social onde se reproduzem não só discursos de ódio, como também novas discursividades inovadoras para linguagem. Para o autor, a ideia de “giro linguístico é o ponto de vista de que os problemas filosóficos podem ser resolvidos (ou dissolvidos) reformando a linguagem ou compreendendo melhor o que usamos no presente” (RORTY, 1990, p. 50, tradução nossa).

Segundo Butler (1997), a ocupação desse espaço social por corpos diversos é uma maneira de se elucidar que este espaço nos pertence. A autora questiona: “qual é a força da violência verbal, da injúria, das pala-

bras que agridem, das representações que ofendem, e como compreender suas linhas de fuga?” e, então, responde:

Começamos sinalizando que o discurso de ódio coloca em questão a sobrevivência linguística, pois “ser chamado por um nome” pode assumir o lugar da injúria, e concluímos dizendo que [...] a mesma palavra que fere torna-se um instrumento de resistência, desdobrando-se e destruindo o território anterior de sua operação. (BUTLER, 1997, p. 28) (tradução nossa)

Nesse viés, Ribeiro (2019, p. 11) reflete sobre a linguagem a partir da perspectiva do feminismo negro, que “nos ensina a importância de nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome”. Para a filósofa, tão importante quanto combater o discurso de ódio, é aprender a nomear as realidades corretamente, pois “reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo”.

2.3. Semiótica social e multimodalidade

Na concepção de Kress e van Leeuwen (2006, p. 154), “o termo modalidade é originário da linguística e refere-se ao valor de verdade ou credibilidade de declarações (realizadas linguisticamente) sobre o mundo”. Por conseguinte, a semiótica social estuda a comunicação e os processos de produção de sentido, onde “a realidade está no olhar do espectador, ou melhor, o que é considerado como real, depende de como a realidade é definida por um grupo social particular” (KRESS, VAN LEEUWEN, 2006, p. 158).

Para Santaella (1983, p.2), a semiótica social nos define como indivíduos tão complexos e plurais quanto as “línguas que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem”. Nesse seguimento, pensar essa complexidade aplicada ao ensino-aprendizagem de língua estrangeira potencializa particularidades ainda mais desafiadoras, posto que os referenciais culturais são diferentes. Assim explicam Hodge e Kress (1988):

A semiótica social focaliza a semiose humana, compreendendo-a como um fenômeno inerentemente social em suas origens, funções, contextos e efeitos. Os significados sociais são construídos por meio de uma série de formas, textos e práticas semióticas de todos os períodos da história da sociedade humana. (HODGE; KRESS, 1988, p. 261)

À vista disso, Kress e VAN Leeuwen (2001) complementam que o discurso compreende conhecimentos socialmente construídos, ou seja, o discurso é desenvolvido em contextos sociais específicos e de maneiras

apropriadas aos interesses dos atores sociais. Portanto, a construção de sentidos está apoiada nesses significados sociais convencionados entre os indivíduos de determinada cultura. Por um lado, em língua materna, isso se dá pelo conhecimento prévio adquirido; por outro, em língua estrangeira, o referencial cultural é outro, o que muitas vezes não é contemplado na educação linguística tradicional.

3. Estudo empírico: desenvolvimento do protótipo de um aplicativo educacional

Com base na fundamentação teórica apresentada anteriormente, foi possível apontar aspectos conceituais da educação linguística que devem ser observados para propostas educacionais contemporâneas. Diante disso, ancorado nos pressupostos da LA, o presente estudo propõe o desenvolvimento do protótipo de um aplicativo educacional para o ensino-aprendizagem de línguas.

Ao propor uma aplicação educacional pensada para o português e o espanhol como língua estrangeira, foi considerado o amplo acesso à informação e cultura propiciado pelo conhecimento da língua espanhola. Tendo em vista que o Brasil é circundado por países hispanófonos, o domínio das particularidades dessa língua é de grande relevância para aprendizes brasileiros.

3.1. Introdução ao “Revisor Consciente”

“Revisor Consciente” é uma proposta inovadora de aplicativo educacional móvel e para navegadores *web*, destinado ao ensino-aprendizagem de línguas. A aplicação funciona como um revisor de texto que oferece, além da correção ortográfica, opções mais assertivas para a linguagem, identificando palavras e expressões com conotações preconceituosas, explicando-as e sugerindo substituições.

O objetivo principal do “Revisor Consciente” é capturar o aspecto de construção social do discurso (Cf. KRESS; VAN LEEUWEN, 2001), especialmente o discurso de ódio (BUTLER, 1997). Em outros termos, funcionar como uma aplicação colaborativa, que identifica expressões linguísticas injuriosas, de conotações: racistas, LGBTfóbicas, capacitistas, entre outras. E através da função de revisão consciente, educar o usuário sobre como adequar sua linguagem de forma respeitosa.

A ótica pedagógica que orientou a estruturação do *Revisor Consciente* está norteada nas concepções propostas pela educação linguística moderna, que entende a linguagem como ferramenta de construção do conhecimento, bem como da prática social, isto é, “a linguagem situada na práxis humana” (MOITA LOPES, 1996, p. 3).

Como o desenvolvimento de uma aplicação inédita e com programação complexa demanda investimentos e o apoio de profissionais de distintas áreas, este estudo limita-se à elaboração de um protótipo, contemplando a representação visual da interface do usuário e a definição dos principais traços técnicos da Interface de Programação de Aplicação (API). Nesta etapa de desenvolvimento, o aplicativo ainda não é testável ou manipulável, porém demonstra alta fidelidade visual ao projeto.

3.2. Interface do usuário e características técnicas

O desenvolvimento do aplicativo educacional “Revisor Consciente” fez uso da API aberta *LanguageTool* (<https://languagetool.org>), que forneceu o código-fonte da ferramenta de correção ortográfica. A partir desta base, foram acrescentadas novas regras em XML (Linguagem de Marcação Extensível) para programação em *Java Script* (linguagem de programação usada principalmente para desenvolvimento *web*). A aplicação foi pensada para os formatos *mobile* e navegador *web*, que a partir da permissão do usuário, realiza a revisão da escrita. O aplicativo alcança diferentes páginas *web*, revisando textos em variadas situações, como, por exemplo, ao escrever um e-mail ou redigir um documento *on-line*.

Na proposta de *design*, opta-se por uma interface de usuário moderna e intuitiva. A prototipagem das telas foi realizada individualmente e de maneira responsiva para *desktop* e *smartphone*. A idealização de outros aspectos como a paleta de cores, as fontes dos textos e a diagramação, foram realizadas em conjunto com uma *designer*.

A Figura 1 exhibe a *landing page* da aplicação na versão *web*, em específico para o navegador *Google Chrome*. Neste exemplo, um usuário fictício testa a ferramenta em língua portuguesa, inserindo o seguinte texto: “O João não me contou qual é a opção sexual dele”. Em seguida, a expressão opção sexual é assinalada e o *Revisor Consciente* explica seu caráter injurioso, sugerindo a substituição pelo termo orientação sexual.

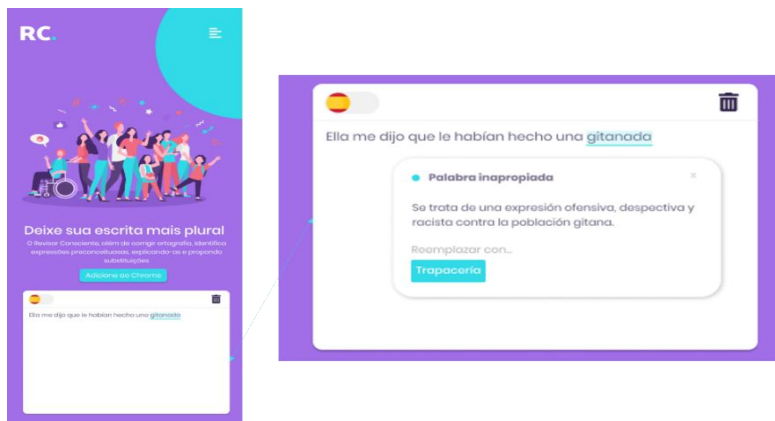
Figura 1.



Fonte: Produzido por Ana Paula Almeida (2021).

Na Figura 2, o aplicativo está representado na versão *mobile*. Neste segundo exemplo, outro usuário fictício testa a ferramenta em língua espanhola, inserindo o seguinte texto: “Ella me dijo que le habían hecho una *gitanada*”. Em seguida, a expressão *gitanada* é assinalada e o *Revisor Consciente* explica o caráter injurioso da mesma, sugerindo a substituição pelo termo *trapacería*.

Figura 2.



Fonte: produzido por Ana Paula Almeida (2021).

A *landing page* da aplicação também disponibiliza para o usuário um menu horizontal, exibindo as páginas: *Nosso Manifesto*, *Dicionário Consciente* e *Sugestões*. No entanto, devido às limitações mencionadas, o desenvolvimento destas páginas não foi contemplado no protótipo.

4. Considerações finais

A partir das investigações realizadas nesse trabalho, consideramos oportunas experiências de ensino–aprendizagem de línguas que realizem uma abordagem contemporânea da linguagem e busquem expandir o campo epistemológico da LA. Todavia, é relevante a convergência entre teoria e prática, sendo este um dos aspectos centrais dessa pesquisa. Assim, seguindo a discussão apresentada na fundamentação teórica, o presente trabalho introduz o protótipo do aplicativo “Revisor Consciente”, bem como os desafios encontrados em sua concepção.

É notório que a tecnologia está cada vez mais presente no ensino–aprendizagem de línguas, permitindo criar e utilizar ferramentas até então pouco acessíveis. No entanto, tendo em vista a complexidade técnica envolvida na idealização de um aplicativo inédito, a pesquisa encontra algumas limitações, sobretudo em relação ao alto investimento e à dependência de terceiros no desenvolvimento técnico das inovações propostas.

Apesar das limitações relatadas, pretende-se dar prosseguimento ao desenvolvimento do “Revisor Consciente”, ampliando a pesquisa futuramente. Acredita-se, também, que, embora este estudo se baseie em um protótipo, essa experiência possa ser útil para outros pesquisadores que buscam inovar no campo da educação linguística contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

BUTLER, Judith. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.

CÍCERO, Marco Túlio. De optimo genere oratorum. Trad. de Bruno Vinicius Gonçalves Vieira e Pedro Colombaroli Zoppi. *Scientia Traduc-*

tionis, n. 10, p. 4-15, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p4>.

DERRIDA, Jacques. Letterto a Japanese friend, 1983. *Derrida and difference*. ed. Wood & Bernasconi, Warwick: Parousia Press, 1985.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HODGE, Robert; KRESS, Gunther. *Social Semiotics*. London: Polity Press, 1988.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. Londres: Oxford University. Press Inc, 2001.

_____. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Oficina de linguística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. *Uma linguística aplicada mestiça e ideológica – interrogando o campo como linguista aplicado*. São Paulo: Parábola. 2006. p. 13-42

_____. *Linguística Aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. Trad. de Luiz Paulo da Moita Lopes. In: MOITA LOPES, L.P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. *Language as local practice*. London: Routledge, 2010.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

RORTY, Richard. *El giro lingüístico*. Trad. de Gabriel Bello. Barcelona: Paidós, 1990.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica?* São Paulo: Brasiliense, 1983.